

Homenagem a Adalberto Serra

Em 23 de março de 2009, o auditório próximo à Biblioteca Nacional de Meteorologia ganhou o nome de “Auditório Adalberto Serra”. A placa em homenagem ao pesquisador Adalberto Serra pelas valiosas contribuições que prestou ao Instituto Nacional de Meteorologia (INMET) e à meteorologia nacional e internacional foi descerrada por sua filha, Sylvia Serra Barreto, em conjunto com o diretor do INMET, Antonio Divino Moura. Antes disso, o neto do homenageado, Juliano Serra Barreto, fez a leitura de um texto elaborado por Antonio Amaral Serra, filho de Adalberto Serra, com exclusividade para a cerimônia. O texto contém um depoimento do filho sobre aspectos curiosos da vida e obra do pai e estimulou alguns dos presentes que conheceram Adalberto Serra a depoimentos complementares, tornando a cerimônia ainda mais rica e densa de conteúdo humano. Ao redor, várias vitrines expuseram as principais obras do eminente pesquisador. A cerimônia ocorreu dentro da programação do Dia Meteorológico Mundial e início das comemorações do Centenário do INMET (que faz 100 anos em 18 de novembro de 2009). Confira, abaixo, algumas fotos, a biografia de Adalberto Serra e o texto elaborado por Antonio Serra.

Fotos: Luiz Cavalcanti



Da esquerda para a direita, Divino Moura, Juliano Serra Barreto, Sylvia Serra Barreto, Fernando Barreto (marido de Sylvia) e Alexandre Serra Barreto (neto de Adalberto Serra, filho de Sylvia)



Biografia de Adalberto Serra

Adalberto Serra nasceu em 2 de junho de 1909, na cidade do Rio de Janeiro, onde residiu até sua morte, em 15 de setembro de 1989. Era filho de Nestor Serapião Serra, natural do Maranhão, e de Gabriela Barrandard Serra, de São Paulo. Casou-se com Ester Amaral Serra, mineira, com quem teve dois filhos: Sylvia Serra Barreto e Antonio Serra.

Graduou-se em Engenharia e em Geografia, em 1930, pela Escola Politécnica da Universidade do Brasil, atual Escola de Engenharia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Foi um autodidata em Meteorologia, já que, na época, não havia curso desta ciência no Brasil.

Em 1931, ingressou, mediante prova de seleção, como auxiliar de meteorologia no Serviço de Meteorologia do Ministério da Agricultura, atual **INMET**, então sediado no edifício “Caça e Pesca” da Praça XV, centro do Rio de Janeiro. Trabalhou nesta Instituição até 1961, quando se aposentou como engenheiro, depois de exercer diversas chefias, como a de Climatologia e a de Pesquisas Meteorológicas. Porém, manteve-se em atividade neste serviço até seu falecimento.

Foi pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Entre as inúmeras e valiosas obras publicadas por Adalberto Serra, citam-se as seguintes: *Secondary Circulation of Southern Brasil*, em 1938; *La Circulation Générale de l’Amérique du Sud*, em 1939; *A Turbulência Atmosférica no Brasil*, em 1941; *A Formação de Trovoadas e Normais de Nuvens*, em 1942. Em conjunto com Leandro Ratisbonna, ele publicou: *O Clima do Rio de Janeiro*, em 1941; *As Massas de Ar da América do Sul*; e *Os Regimes de Chuvas da América do Sul*, em 1942. Ainda em 1942, Serra e Ratisbonna levam ao prelo *As Ondas de Frio da Bacia Amazônica*.

Em 1945 e 1946, Adalberto Serra analisa o problema meteorológico do Nordeste e publica *Meteorologia do Nordeste Brasileiro* na Revista Brasileira de Geografia e *As Secas do Nordeste*, edição do então Serviço de Meteorologia.

Em 1946-1948, Serra organiza os dois volumes do *Atlas Universal de Meteorologia*, abrangendo o período 1873-1934.

Em 1948, Adalberto Serra, publica por intermédio do Instituto de Electrotécnica da Universidade do Brasil o trabalho *Previsão do Tempo*. Segundo Sampaio Ferraz, trata-se de resumo valioso do mecanismo das perturbações atmosféricas típicas de cada estação do ano – no âmbito geral do território nacional e, separadamente, de cada Estado. Adalberto Serra organizou também a coleção *Mapas Meteorológicos*, destinada especialmente aos engenheiros eletricitistas.

Fonte:

1) BRASIL, UNEMET, **Adalberto Serra: O Entusiasta da Meteorologia Brasileira**. Revista CIRRUS, Seção Memória, nov.-dez 2005, p. 25-27;

2) FERRAZ, J. de Sampaio. **A meteorologia no Brasil**. [São Paulo]: Melhoramentos, s.d. p.203-242 Capítulo IV escrito por J. Sampaio Ferraz. FERRAZ, J. Sampaio. A meteorologia no Brasil. IN: AZEVEDO, Fernando. As ciências no Brasil. [São Paulo]: Melhoramentos, s.d. p.203-242.

TEXTO ELABORADO POR ANTONIO AMARAL SERRA, EM MARÇO DE 2009, PARA A CERIMÔNIA EM HOMENAGEM A SEU PAI, ADALBERTO SERRA

Embora pouco dado a manifestações efusivas, Adalberto Barranjar Serra sentiria muito felicidade com esta homenagem que a comunidade da Meteorologia brasileira lhe presta. Agradeceria a presença de sua filha, Sylvia e esposo e de seus netos, mas sentiria falta de Esther, a esposa que o acompanhou até o instante derradeiro, compartilhou de suas alegrias e tristezas e que por ele nutriu afeto e orgulho.

Passados os anos, quando se contempla a vida de todo ser humano podemos apontar muitos nós e esgarçamentos, mas é motivo de alegria quando nos deparamos com uma existência realizada. Serra, como muitos sabem, foi acompanhado ao longo da vida por muitos sofrimentos que limitaram sua expressão e nós dois, eu e minha irmã, fomos mais que testemunhas – e sem participantes muito próximos destas situações e desde crianças seus parceiros nas artimanhas e truques que sua inteligência arquitetou para dar andamento e fertilidade à vida.

Ora, o que sempre nos surpreendeu e a todos que o conheceram de perto foi sua incrível capacidade de enfrentar obstáculos e concretizar os objetivos a que se propunha. E uma vez que sua vida foi a Meteorologia, vale a pena lembrar como ele lidou com ela e como ela se inseriu em seu cotidiano.

Ele contava que, já formado em Engenharia na Politécnica do Rio e depois de um tempo de trabalho na Central do Brasil, estava desempregado. Certo dia, sem nada a fazer, decidiu sair e andar. À porta da casa, na Tijuca, olhou para a rua em declive sem saber se subia ou se descia. Resolveu descer e logo encontrou-se com antigo colega que lhe falou de “vaga” no Ministério da Agricultura. Partiu para lá e ao chegar acabou falando (coisas que só aconteciam antigamente) com o próprio Ministro, que estava por ali. O Ministro confirmou a tal vaga, mas disse que era preciso submeter-se a uma prova e que cabia ao secretário (e apontou-o na sala) marcá-la. Serra agradeceu e foi ao secretário e disse que o Ministro pedira para marcar a prova. O secretário incontinentemente o fez, Serra foi testado, passou e ingressou no Serviço de Meteorologia do Ministério da Agricultura.

Serra não era versado nesta ciência. Por isso, pôs-se a estudá-la e foi por ela enredado de tal modo que em seu último dia de vida estava justamente estudando-a e vasculhando suas possibilidades. Não lhe bastava a inteligência notável, pronta, ágil e abrangente: ele era uma espécie de **Método** em pessoa. Acordava cedo e até a hora do almoço (às 11) estudava no banheiro – sim, no banheiro. Para isto, mandara construir uma mesinha. Ale ele estudou as obras introdutórias da Meteorologia e foi avançando para temas mais complexos, em livros e revistas. Ao mesmo tempo, teve que apurar seus conhecimentos de Matemática, tanto os aplicáveis quanto os fundamentais. Todo ano, Serra tomava do tratado de Comberousse e revia desde a Aritmética até a Álgebra Superior.

Não há conhecimento definitivamente enraizado, é preciso rever e redespertar o que já estudamos, algo como a reminiscência platônica.

Seus estudos estão registrados em dezenas de cadernos e milhares de fichas, com os resumos das leituras e os esboços dos trabalhos e artigos que depois publicou.

É bom que se diga ter sido Serra devotado a outros campos: sempre interessou-se pelas demais ciências, pela História, a Literatura e a Filosofia, que lia em francês apurado e em inglês e sobre o que conversava com o colega Leandro Ratisbonna, com o qual assinou vários trabalhos. Era capaz de narrar acontecimentos, recentes ou longínquos, com precisão de personagens e datas. Esta cultura ampla e diversificada ajudava-o a manter o ceticismo e condescendência diante de posturas políticas exaltadas, tendo eu presenciado as diversas vezes em que seus argumentos, embasados em fatos e números, haviam desmontado as certezas do interlocutor (eventualmente, eu mesmo). Politicamente, era um liberal (com laivos de anarquismo), anti-militarista, anti-clerical e contrário às ideologias autoritárias e obscurantismo de que o século 20 foi pródigo.

Embora todos reconhecessem seus atributos de inteligência, conhecimento e inventividade, ele sempre se pautou pela modéstia e fazia uso corrente da ironia consigo próprio, qualidade preciosa em um ser humano: rir de si mesmo e estar alerta para as ilusões do auto-elogio, porta aberta da arrogância. Por outro lado, Serra tinha noção clara da necessidade de atuar em equipe e dedicou-se sempre a valorizar colegas, a propiciar meios de aperfeiçoamento de uns ou de inclusão de outros em seus projetos. Recomendava aos novatos que “lessem uma página a mais do que os outros” e que buscassem os assuntos desprezados e tidos como menores: ali estava o filão da criatividade de cada um.

Esta vocação ficou patente durante a longa gestação do **Atlas Climatológico do Brasil**, tarefa que fazia parte de programação internacional da OMM e da qual o Brasil foi o primeiro a apresentar resultados concretos. Certa vez, um meteorologista argentino visitou o Serviço e contou que a equipe do Atlas local era composta de 70 pessoas, inclusive de técnicos estrangeiros especialmente contratados. Indagado por ele sobre a “estratégia” brasileira, Serra mostrou-lhe “a equipe”, umas dez pessoas sentadas em suas mesas na mesma sala da Praça XV. Milagre? De certo modo, sim. É que ele conseguia organizar os roteiros e definir com precisão a incumbência de cada um, cujos produtos ele revia com espírito crítico e preciso, detectando rapidamente equívocos ou êxitos. Em sua objetividade, não tinha tempo para admoestações, alteio de voz ou de humilhações muito freqüentes nestes ambientes. Ao contrário, enaltecia o colaborador mais despido de instrução e com isto criava um clima de lealdade – ao lado de sua obsessiva atenção aos pagamentos das bolsas dos auxiliares. Não esquecia nunca de inserir os devidos nomes na assinatura dos trabalhos. Lembro-me que dedicou algumas manhãs para inventar uma espécie de “crivo de Eratóstenes” que facilitasse as operações de soma e multiplicação de um colega

que mal tinha o curso primário, numa época que eram raras as máquinas de calcular, todas ainda mecânicas – e a régua de engenheiro era instrumento sofisticado.

A feitura do **Atlas** envolveu toda a família: minha irmã, estudante de Belas Artes, desenhava, minha mãe conferia tabelas e meu cunhado confeccionou enorme mesa de luz para a copiagem dos mapas.

Nós sabemos que o cumprimento das exigências do método científico resulta de auto-educação continuada do cientista. Em uma ciência que combina a precisão de imenso volume de dados de observação com a elaboração de modelos abstratos que se desdobram em cálculos intermináveis, Serra, por dotação inata e por exercício disciplinado conseguia computar, processar e idealizar com tal autonomia que ao lançar sobre o papel suas conclusões a escrita seguia rápida e na ordem expositiva adequada.

É claro que nem tudo seguiu de modo tão preciso. Um episódio que muito o atormentou foi quando, após publicar **Secas do Nordeste** foi alvo de um inquérito administrativo por acusação de “fazer uso particular de dados oficiais”; quase demitido, assistiu à inacreditável queima de todos exemplares de seu trabalho, exceto uns poucos que alguém mais amistoso lhe permitiu sigilosamente recolher. Dizia-me ele que esta fora a primeira análise de conjunto das secas.

Serra era cioso do papel da Meteorologia no Brasil e extremamente reconhecido a Sampaio Ferraz. País ainda eminentemente agrícola, ele achava um despropósito que não se dedicasse suporte e recursos a uma ciência tão importante para a agricultura. Por isso dedicou muito tempo à elaboração e revisão dos manuais técnicos de observação e registro. Outras aplicações lhe chamavam a atenção: recordo-me quando ele redigia o trabalho sobre clima e férias escolares, onde argumentava a favor da diversificação regional do calendário escolar para melhor aproveitamento das estações, seja para o estudo, seja para o lazer. Assim como houve um tempo que dedicou-se a ler pesquisas que associavam “clima” e “história”, redigindo um artigo de divulgação que incluía diversas considerações originais derivadas de seu conhecimento de História.

Nos últimos tempos debruçou-se sobre sua hipótese do “**princípio de simetria**” e ouvi sua longa explanação sobre a idéia, ma naturalmente só retive aquilo que vagamente compreendia. Era uma concepção grandiosa, que, parece, permitiria inferir o estado do clima na Troposfera a partir dos dados das camadas superiores, cujas configurações antecipavam a induziam as das camadas baixas. Eu achava, em minha ignorância e admiração filial, que esta “lei” seria algo como as leis de Newton no caso de algo tão aleatório e caótico como o clima. Ele havia enviado o esboço da idéia para alguém da sociedade meteorológica norte-americana e ficara animado quando lhe responderam que ela era interessante, mas precisava de melhor fundamento. Foi então que ele adquiriu um computador Apple e ficou esperançoso de poder avançar naquela pesquisa. Os senhores sabem destas coisas muito melhor do que eu.

Serra aposentou-se em 1960, tão logo Jânio Quadros decretou o regime de 8 horas para o funcionalismo público: ora, Serra trabalhava muito mais do que isso, mas estes moralismos demagógicos lhe causavam repugnância. Seis meses depois, Jânio renunciava e o presidente da Câmara, Ranieri Mazzili, assumia a presidência interina: um de seus primeiros atos foi revogar aquele decreto. Mas Serra já estava noutra. Ele se aposentara também para ficar mais à vontade em sua movimentação, pois sofria crescentemente de fobias ao sair de casa.

Pois bem, o volume de trabalho aumentou em casa e semanalmente comparecia à “repartição”, revia amigos, contava piadas e recolhia tarefas, de seu interesse ou para ajudar um e outro. Alguns colegas o visitavam, destacando-se pela assiduidade Camilo Albuquerque, falecido antes dele, e o Sr. Iomar, que continuou a prestigiá-lo ainda depois de seu desaparecimento.

E assim viveu até o final.

Faleceu em um sábado, à noite, depois de ter encerrado seus trabalhos na saleta onde tinha sua mesinha e onde via novela ao mesmo tempo que conferia tabelas ou traçava isolinhas.

O valor de sua obra deve ser apreciado pela comunidade científica. Mas o valor de seu exemplo como homem público, cientista e brasileiro é um exemplo para todos e um legado de que muito nos orgulhamos.

Antonio Amaral Serra
Março de 2009